

Rio Cello Festival
embala o agosto
dos cariocas



PÁGINAS 4 E 5

Um clássico do
cinema chega aos
palcos cariocas



PÁGINA 7

Musical reforça a
potência do amor
de pessoas pretas



PÁGINA 8

2º CADERNO



Divulgação



Washington Possato/Divulgação

Em seu novo álbum, Fagner estreia parceria com Jorge Vercillo e regrava um dos grandes sucessos de Vander Lee

Compromisso com O FUTURO

Do alto de 50 anos de carreira, Fagner lança novo álbum de inéditas, o 38º de uma discografia marcante na cena da MPB

tor de grandes sucessos da discografia do cearense, como “Noturno [Coração Alado]” e “Pequenino Cão”), a inédita cantiga de ninar “Filho Meu” traz letra em forma de oração: “Dias de verão / Vão te surpreender / A vida

é mesmo pra valer (...) / Dias sim dias não / A luz virá da escuridão / Faça o bem, siga a sua intuição / Pois dentro de você / No coração há um lugar / Que mal algum pode alcançar”. Há mais de dez anos, Fagner descobriu a pa-

ternidade tardia do advogado Bruno Tocantins e de seus netos, Arthur e Clara, por quem o avô também se derrete. “Foi uma felicidade esse reencontro. Fiz essa música com o Caio, que percebeu a beleza dessa história e fez essa homenagem sutil para o Bruno. É uma canção que tenho apresentado a alguns amigos e não há quem não se emocione. É uma das músicas que mais gosto nesse disco”, diz o cantor. **Continua na página seguinte**

Com 50 anos de carreira completados em 2023 e prestes a celebrar 75 anos, Fagner não tem a menor intenção de parar de cantar, de compor e nem de fazer novos parceiros. Seu compromisso é com o futuro. O cantor e compositor cearense acaba de lançar o 38º álbum de uma riquíssima. “Além Desse Futuro”, o novo projeto do artista, chega exatos dez anos após seu último álbum de inéditas, “Pássaros Urbanos”, de 2014.

Quem abre os trabalhos do novo álbum é a faixa-título, composta por Fagner em parceria com o poeta cearense Fausto Nilo, letrista recorrente na discografia do artista nessas cinco décadas. Nos versos da canção, que foi produzida por Fagner e Zeca Baleiro, o cantor já revela seu característico cancionista romântico, em que passeia, com desenvoltura, pelo Brasil urbano e sertanejo. “Se a luz de um trem / Relembra meu ninguém / Perdido num sertão sem cor / Além do mundo em chamas / A gente ainda se ama / Além desse futuro meu amor”.

Também relevante parceiro de Fagner nas últimas décadas, Zeca Baleiro assina com o artista a autoria e produção da segunda faixa do disco, “Noites do Leblon”, na qual o cantor maranhense ainda participa em dueto que reafirma a identidade musical entre os dois.

Composta por Fagner e Caio Sívio (au-

CORREIO CULTURAL



Divulgação

Toninho Geraes tem mais de 250 canções gravadas

Toninho Geraes mostra seu novo disco no Rival Petrobras

Autor de mais de 250 canções, muitas delas gravadas por grandes nomes da MPB como Martinho da Vila e Zeca Pagodinho, Toninho Geraes sobre ao palco do Teatro Rival Petrobras nesta quarta-feira (7) para o show de lançamento do álbum “O Amor dos Poetas”, o sétimo de sua discografia.

O trabalho reúne uma nova

safrã de canções de Toninho - cujo apelido foi dado pelo amigo Zeca Pagodinho nas rodas de samba que ambos frequentavam na juventude -, hoje um dos mais respeitados nomes do samba no Rio e no Brasil.

A cantora Marina Iris, o parceiro Chico Alves e Alyson Geraes, filho do artista, são os convidados da noite.

Mirando o Oscar

A atriz, diretora e artista plástica Bárbara Paz vai presidir a comissão responsável por escolher o filme brasileiro que tentará concorrer a melhor filme internacional no Oscar 2025. O comitê foi anunciado pela Academia Brasileira de Cinema.

Vô Zeca

A família Pagodinho acaba de crescer. O músico ganhou seu sexto neto no domingo (5), batizado de Vittorio. Em publicação no Instagram do músico, a família comemorou a chegada do pequeno: “Vovô Zeca, vovó Mônica e toda a família estão só felicidade”.

Mirando o Oscar II

Além de Bárbara, mais 24 membros integram a comissão, sendo 21 deles escolhidos por votação pelos sócios da Academia e quatro indicados pela diretoria. A comissão vai definir os seis filmes finalistas no dia 16 de setembro.

Ofensiva turca

A Record começou a sentir o gosto do sucesso que as novelas turcas podem entregar. Estreada na semana passada, “Força de Mulher” fez a emissora vencer “A Caverna Encantada”, nova novela inédita do SBT, elevando seus índices da audiência.



Fagner durante show de sua turnê comemorativa aos 50 anos de uma vitoriosa carreira

Numa das faixas, um lindo tributo a Vander Lee

Presente no repertório dos recentes shows de Fagner, o hit “Onde Deus Possa Me Ouvir”, legado do cantor e compositor mineiro Vander Lee (1966 - 2016), já gravado por Gal Costa, Leila Pinheiro, Elba Ramalho, entre outros, ganha finalmente um tocante registro de Fagner que, em 2022 realizou o homônimo show-tributo ao artista, no Palácio das Artes, em Belo Horizonte.

Na ocasião do show, que ainda marcou o retorno de Fagner aos palcos após a pandemia, o cantor afirmou: “É uma justa homenagem a um dos artistas mais talentosos da nossa música, que nos deixou tão cedo. Tive a oportunidade de conviver com ele, ainda que por pouco tempo, mas fiquei lhe devendo a gravação desse hino, que falou tão fundo ao meu coração, assim como a tantos brasileiros”. A nova versão de Fagner conta na bateria com o prestigiado produtor Rick Bonadio, que também assina a mixagem de todas as faixas do álbum.

O amor romântico retorna na inédita “Ponta de Punhal”, primeira parceria do artista com Toninho Geraes e Chico Alves. “Solidão é ponta de punhal / Que me escancara o coração / Descartando essa paixão tão desmedida / E ao me ver assim perdido e só / Uma saudade vem sem dó / E crava os dentes na ferida”, entoa Fagner no contundente refrão. A canção traz a elegante guitarra do instrumentista, compositor, arranjador e produtor musical cearense Cristiano Pinho, que saiu de cena no último dia 3 de julho, guitarrista que acompanhava Fagner nos palcos e estúdios nos últimos 30 anos. “Cristiano Pinho era um gênio reverenciado por muitos músicos no Brasil. Ele era um artesão e um sacerdote da música. Sua ausência tem sido muito sentida”, comenta Fagner.

E é no embalo do reggae que surge o dueto de Fagner e Jorge Vercillo em “Amigo de Copo”, primeira composição em parceria entre dois. O artista carioca ainda

toca violão na faixa, junto com seu filho, Vini Vercillo. Em 2013, o cantor cearense fez uma participação em “Homem Grande”, canção do DVD “Luar de Sol – Ao Vivo no Ceará”, que Vercillo gravou na terra natal de Fagner. Juntos, eles ainda gravaram o clipe numa roça em Beberibe, no interior do Ceará.

A resiliência do amor maduro está presente em “Recomeçar”, canção de Fagner, Caio Sílvio e Aulo Braz, que novamente conta com a sutil guitarra de Cristiano Pinho. Nos versos, Fagner canta conformado: “Vida que não cabe na bagagem / Tanta coisa já ficou pra trás / Sonhos que não duram a viagem (...) / O amor nem sempre / Ao nosso alcance / Podemos ser felizes sem romance”. “Essa canção é um estímulo para as pessoas seguirem em frente, recomeçar...”

Fagner e o músico e compositor maranhense Erasmo Dibel foram apresentados por Zeca Baleiro, amigo e parceiro de longa data de ambos. Desse encontro surgiu “Besta Fera”, canção composta pelo trio durante a pandemia e que fecha o novo disco do artista. “Compusemos essa música por mensagens e só conheci o Dibel pessoalmente na semana passada, no Maranhão. Eu já tinha gravado anteriormente uma participação numa música dele, o reggae ‘Reclame’, que foi lançada em abril de 2021. Ele é um grande poeta com quem ainda quero trabalhar muito”, conta o cearense.

Violonista, compositor, arranjador e professor, Patrick Angello brilha em álbum que celebra as ancestralidades dos povos da floresta

Por **Affonso Nunes**

Engana-se quem entende a música de inspiração africana apenas sob a ótica de sua vertente rítmica. Baden-Powell (1937-2000) e Vinicius de Moraes (1913-1980) mostraram essa riqueza melódica no antológico “Afro-Sambas” (1966) e o violonista carioca Patrick Angello bebe fartamente dessa fonte com seu belíssimo “Violão Afro-Brasileiro”, que marca sua estreia pelo selo Kuarup.

Criado a partir da performance “Valongo: Afro-Brazilian Guitar”, evento realizado na Universidade de Indiana (EUA), em 2023, Patrick apresenta em seu primeiro álbum de violão solo com nove composições próprias em homenagem a mata atlântica e os povos da floresta sejam eles afro-brasileiros ou indígenas.

A performance que deu origem ao conceito do disco propõe releituras das gravações produzidas pelo linguista afro-americano Lorenzo Dow Turner nos terreiros de Candomblé da Bahia entre 1940-1941, presentes na Collecion Archives of Traditional Music da universidade estadunidense. “Mistérios de Exú”, o afro-samba “Pedra de Xangô”, o choro “Lágrimas de Iemanjá” e “Caboclo Oxossi” (reza com a participação de Carlos Papa, líder espiritual Guarani Mbya) integram a performance e fazem parte do álbum, trazendo a sonoridade do violão brasileiro aliada a cosmologia das religiões de matriz africana.



Patrick Angello exhibe com maestria sua técnica nas composições do álbum que marca sua estreia no selo Kuarup

Um violão afro-brasileiro de excelência

As composições “Mainó” (beija-flor em Guarani) e “Tatá” (fogo) são homenagens do compositor ao povo Guarani, que milenarmente habita a floresta diante da Mata Atlântica. “Baleias”, o maxixe “Pau-Brasil” e “Tiê-Sangue” (pássaro símbolo da Mata Atlântica) completam esta obra de rara beleza.

Neste álbum solo de violão, o músico toca as raízes, a matriz, não apenas da história do violão na música brasileira, mas de sua própria identidade.

“Patrick Angello é um artista brasileiríssimo. Toca e compõe bonito. É do Méier, assim como o gênio Hélio Delmiro. Sendo eu de Madureira posso dar-lhe as boas-

vindas no meu coração suburbano”, endossa o cantor e compositor, um dos mestres do violão brasileiro contemporâneo.

Neto de Jacira Ialorixá e do bandolinista Azedinho, Patrick aprendeu a tocar os principais gêneros da música brasileira através do contato com os criadores do choro e do samba. Esses mentores incluíam Dino 7 Cordas e Valdir Silva, os principais instrumentistas responsáveis - pela popularização do violão de 7 cordas na história da música popular brasileira.

Músico, diretor musical, compositor, violonista (seis e sete cordas), arranjador e professor especializado em métodos pedagógicos

para violão brasileiro, Patrick Angello pretende tornar audíveis suas memórias guardadas entre as raízes do que restou da Mata Atlântica no Morro da Matriz, onde aprendeu a tocar violão de 6 e 7 cordas com seu tio Cloves do Violão (violão de 7 Cordas da Estação Primeira da Mangueira). Em 2002, Patrick integrou o tradicional conjunto de choro Chapéu de Palha, que é um dos grupos mais importantes que interpretam choro e samba no Brasil. O conjunto já acompanhou artistas renomados como Elza Soares, Beth Carvalho, Roberto Silva, Peri Ribeiro e Miltinho entre outros.

Como violonista de 7 cordas, Angello já gravou mais de 200 dis-

cos, muitos deles do gênero choro e samba como Altamiro Carrilho, Coletânea Rádio MEC, 2005, Velha Guarda da Mangueira no álbum Geraldo Pereira, de 2019, Almir Guineto e a nova geração como Gabriel Cavalcanti (O que Vai Ficar pelo Salão, de 2009) e Luís Barcelos (Depois das Cinzas, de 2011). Patrick Angello também acompanhou mestres como Nelson Sargento, Beth Carvalho, Dona Ivone Lara, Aaulfo - Alves Junior, tendo também acompanhado Zeca Pagodinho em gravações. No teatro, participou como diretor musical em diversos projetos relacionados com a divulgação da história do samba e do choro, como o Projeto Sambando e Chorando no Teatro João Caetano e como diretor e arranjador de Lupicínio Rodrigues (2023).

No cenário da música instrumental internacional, Patrick Angello percorreu a Europa com seu trio de música instrumental participando do Ancona Jazz Festival na Suíça; Cittá di Cannobio, Itália, e Alemanha, em 2012 e 2013. Em 2020, realizou turnê solo em Israel. Como compositor e artista solo, Patrick vem realizando turnês pelos Estados Unidos e Europa.

O cello embala

Volta Redonda sedia abertura da 30ª edição do Rio Cello Festival, cuja programação gratuita se estende à capital a partir desta sexta-feira

Por **Affonso Nunes**

Nas formações camerísticas de instrumentos de corda, ele é tão protagonista quanto o violino. O violoncelo, porém, vai além disso.

Sua sonoridade se encaixa perfeitamente em diversos estilos musicais, o que explica sua popularização e utilização cada vez maior. Desta quarta-feira (7) até o dia 19, o Rio de Janeiro sedia o Festival Internacional Rio Cello, uma celebração ao instrumento em suas múltiplas expressões. O evento começa em Volta Redonda nesta quarta e quinta-feira e, a partir da sexta, concentra-se na capital.

O público terá acesso gratuito a apresentações de expoentes da música de concerto como Mauro Senise, Gilson Peranzetta, Thiago Wolf, OSB Jovem, Unicamp Cello Ensemble e as sopranos Juliana Franco e Marina Cyrino, entre outros. Atrações internacionais também estão confirmadas como os cellistas Lars Hoefs e Dave Haughey (EUA), o violinista Russell Guyver (Londres), a pianista Lorna Griffitt (EUA), o Quarteto da Universidade de Manitoba (Canadá), Pandit Shubhendra Rao (Índia), Saskia-Rao Haas (Índia), o saxofonista Blas Rivera (Argentina) e muitos outros. E o Cello Dance, a vertente de dança do festival, traz grandes nomes da área como a Cia de Dança Marcia Milhazes, entre outros.

O maior festival de violoncelos do país é idealizado e produzido há 30 anos pelo violoncelista inglês David Chew e nesta edição oferece uma programação especial que inclui concertos, espetáculos de dança, exposições, masterclasses e workshops. “Estou muito feliz em celebrar 30 anos do Rio Cello, o festival da resistência. Nossa família musical mostra a cada ano a importância de levar o melhor da música para todos gratuitamente. Este ano vamos trazer o grupo indiano Rao Trio, eles vão tocar o Cello indiano de 15 cordas pela



Vitor Kelm/Divulgação

Orquestra de Volta Redonda e Sarah Higino

Divulgação



David Chew e Márcia Milhazes



Divulgação

Felipe Padilha

primeira vez no Brasil”, antecipa Chew.

O evento mantém a sua proposta de oferecer música e arte para todos em alguns dos principais espaços culturais do Rio como Cidade das Artes, Museu da República, Teatros Noel Rosa e Odylo Costa Filho (UERJ), além do Consulado Geral de Portugal.

O Rio Cello já se tornou parte do calendário da cidade, lançou uma série de tendências na área artística e foi um dos pioneiros na região em relação às ações de responsabilidade social relacionadas à música de concerto. Até hoje, o festival já atraiu mais de 1,5 milhão de espectadores, reuniu 12 mil músicos, realizou 900 concertos, 650 horas de wor-

kshops e masterclasses.

A etapa carioca do festival tem início com o evento de abertura na Cidade das Artes na sexta-feira. A OSB Jovem e solistas convidados vão celebrar os 150 anos de nascimento do compositor inglês Gustav Holst, interpretando Holst Saint Paul's Suite, além de obras de Antonin Dvorak e Astor Piazzolla. O saxofonista Allen Harrington vai abrir o concerto com a estreia mundial da obra “The Flight of Eagles”, elaborada pelo compositor David Ashbridge.

Outro destaque da programação é o concerto no Consulado Geral de Portugal com vários nomes de destaque do Festival e um

repertório que vai de J. S. Bach a Piazzolla, passando por Villa-Lobos (12/8).

Esta edição do Rio Cello também vai homenagear os 50 anos do quarteto London Music Club, formado em Londres, em 1974, por David Chew (cello), Haroutune Bedelian (violino), Lorna Griffitt (piano) e Russell Guyver (viola). O concerto será no Museu da República (dia 13/8) com obras de Beethoven, Radamés Gnattali, Schumann e Villa-Lobos.

Durante o evento, haverá o lançamento do álbum “Villa-Lobos, concerto nº 1”, pelo duo Lars Hoefs (cello) e Aline Alves (piano), no Museu da República (14/8). Além de Villa-Lobos, o público vai ouvir criações do

agosto

Divulgação



Mariana Lemos e Raquel Reis (cello)

Divulgação



Minna Chung

mexicano Arturo Marquez e Lalo Schifrin, compositor e pianista argentino.

Neste ano, um dos grandes destaques é a vinda do grupo indiano Rao Trio e seu cello indiano de 15 cordas. O trio é formado por Pandit Shubhendra Rao (cítara), Maestro Saskia-Rao Haas (cello indiano) e Ishaan Leonardo Rao (piano). Shubhendra é discípulo de Ravi Shankar, o maior citarista do mundo. A apresentação será Dia da Independência da Índia (15/8), no Teatro Odylo Costa Filho (UERJ), às 15h.

No dia 18, no Museu da República, ícones da cultura inglesa serão celebrados no concerto To Be or Let it Be. Um medley dos

Divulgação



Allen Harrington

Beatles será interpretado pelo Quarteto de Cellos da OSB Jovem, Quarteto de Cordas da OSB Jovem, David Chew, a pianista Claudia Tolipan e a soprano Marina Cyrino. Russel Guyver, maestro e professor da Universidade de Colorado (EUA), vai declamar um poema de Shakespeare. E um coral formado pelas crianças da Maré e da Escola Britânica vão cantar Let it be - canção dos Beatles composta por Paul McCartney.

O Cello Dance terá dois dias de apresentações com alguns dos maiores nomes da dança no país como Marcia Milhazes Cia de Dança, Danilo D'Alma, Mônica Burity, Carlos Cabral, Felipe Padilha, além da dupla

Divulgação



Pandit Shubhendra Rao (ci?tara) e Maestro Saskia-Rao Haas

Raquel Reis (cello) e Mariana Lemos (artista de dança) de Portugal. Ao som do cello, os bailarinos vão realizar performances de dança contemporânea na UERJ (dia 17/8) e no Museu da República (dias 17 e 18/8).

No Museu, durante o concerto e as performances, acontece o Cello Tinta (18/8), uma oficina de artes e pintura com crianças de projetos sociais convidados. Moradoras de comunidades, elas aprendem sobre música de concerto por meio da arte, trabalhando ambos os sentidos, desenvolvendo suas habilidades artísticas e explorando novos estilos.

A festa de encerramento, a Voolocelada, vai reunir 30 cellistas no palco da Cidade das Artes pela primeira vez, celebrando os 30 anos do Rio Cello (18/8). A noite vai contar com cellistas convidados, Cello Ensemble da OSB Jovem, Conjunto de Violoncelos do Instituto Villa-Lobos UNIRIO e UNICAMP Cello Ensemble, Blas Rivera (piano e sax), a soprano Juliana Franco, a contralto Daniela Mesquita, o LMC Piano Quartet e as pianistas Aline Alves e Fernanda Canaud.

Radicado no Brasil há 43 anos, David Chew mantém firme seu propósito de popularização da música clássica e de homenagear o maestro Villa-Lobos, sua maior inspiração. A proposta do evento é levar o poder de transformação social da música a espaços públicos e comunidades. Quando começou, era um encontro de violoncelistas, mas o projeto cresceu e hoje recebe diversos instrumentos e múltiplas linguagens artísticas. Desta forma, o Festival alcança seu principal objetivo que é incluir a música na vida diária de todas as pessoas. Em 30 anos, o festival já comprovou o seu sucesso, com recordes de público em eventos de música clássica no Brasil.

RIO CELLO

De 7 a 19/8

Confira a programação completa em @riocellooficial

As origens do instrumento

Por Affonso Nunes

Acredita-se que as origens do violoncelo remontam ao início do século XVI na Itália. Nesse período, diversos instrumentos de corda estavam em constante evolução, e o violoncelo surgiu como uma espécie de herdeiro da viola da gamba, um instrumento de grande porte e formato curvado.

Dentre os instrumentos da família das cordas, o violoncelo é o que consegue cobrir toda a extensão das vozes masculinas e boa parte das femininas, guardando assim uma relação natural com a voz humana, o que confere às suas execuções um alto grau de apelo emocional.

No século seguinte, passou a acompanhar composições do período Barroco (1600 a 1750), mas suas reais possibilidades como instrumento solista, com obras criadas especificamente para ele, surgem a partir do século XVIII por compositores como J. S. Bach (1685-1750) e Vivaldi (1678-1741).

No século XIX, durante o Romantismo, o instrumento é elevado a um patamar ainda maior, com a criação de concertos e sonatas que exploram as capacidades técnicas e expressivas do instrumento.

Mas seu auge seria alcançado graças a virtuosos como o maestro espanhol Pablo Casals (1876-1973) que, além de revigorar obras antigas (como as seis Suítes de Bach), estrearam diversas peças novas, revolucionando a técnica de execução e expandindo o repertório do instrumento.

JESSICA HAUSNER, CINEASTA E PRESIDENTE DO JÚRI DO FESTIVAL DE LOCARNO

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Indicada duas vezes à Palma de Ouro de Cannes, com “Clube Zero” (2023) e “Little Joe: A Flor da Felicidade” (2019), a diretora austríaca Jessica Hausner se aboleta na porção italiana da Suíça a partir de hoje para assumir a presidência do júri da 77ª edição do Festival de Locarno (7 a 17 de agosto) analisando os concorrentes ao Leopardo de Ouro de 2024. O evento arranca nesta quarta, com a projeção hors-concours de “Le Déluge”, suntuoso drama francês sobre os últimos dias de Luís XVI e Maria Antonieta, vividos por Guillaume Canet e Mélanie Laurent.

Este ano, na competição oficial, há dois gigantes asiáticos: o chinês Wang Bing e o sul-coreano Hong Sangsoo. O primeiro concorre com o documentário “Youth (Hard Times)” e o segundo com o drama “By The Stream”. Foi selecionada uma coprodução do Brasil com a Alemanha, a França, a própria Suíça e a Tailândia chamada “Transamazônia”, com direção da sul-africana Pia Marais. Integram ainda o certame “Timestalker”, de Alice Lowe; “Bogancloch”, de Ben Rivers; e “Der Spatz im Kamin”, de Ramon Zürcher.

No comando de juradas e jurados, Jessica é uma cronista da solidão, com os pés fincados no limite entre o suspense, a sci-fi e o drama de costumes. Seus longas mais recentes são estudos sobre a juventude. Na entrevista a seguir, concedida via Zoom de Viena, ela fala sobre os limites midiáticos do audiovisual.

Qual é a maior responsabilidade de assumir a presidência de um evento, como Locarno, considerado um dos dez maiores festivais do mundo?

Jessica Hausner: Locarno reforça a importância de se dar espaço a perspectivas originais, abraçando um tipo de narrativa cinematográfica capaz de mudar mentalidades ao nos tirar da zona de conforto. A principal responsabilidade que há nesse posto é criar, e saber manter, um ambiente democrático para que cada integrante do júri possa expressar suas ideias. Tem muita transformação se passando no audiovisual, sobretudo com o



A cineasta austríaca Jessica Hausner

‘As pessoas não são quem dizem ser’

que acontece nas plataformas de streaming. Nesse contexto, esse festival protege as vozes que buscam uma mirada singular.

E como é a sua mirada original sobre a vida a partir de seus filmes?

Meu cinema fala das discrepâncias que a gente encontra na busca da sorte, do amor, da paz. O que mais me interessa na construção de um personagem é o fato de que as pessoas não são quem dizem ser. A parte interessante de se falar sobre um personagem é buscar expressar aquilo que ele é para além das performances. Venho falando de jovens em meus últimos longas, pois a juventude é um momento muito delicado na qual as pessoas formam suas posições, suas crenças. Na infância, o indivíduo encena aquilo que ele vê, brinca de assumir outros papéis, finge ser o príncipe e a princesa. Entre adolescentes e entre jovens

adultos, estamos diante de subjetividades que buscam encontrar um caminho.

Existe uma constante reflexão sobre solidão em sua filmografia. O que ela traz sobre os vazios do mundo contemporâneo?

Num dos meus filmes, “Amour Fou”, eu falo de um suicídio duplo, de duas pessoas que negociam se matar juntas. Esse é o clímax da solidão: compartilhar a morte, que é a experiência mais solitária da existência. Na língua alemã, meu idioma de origem, há dois sentidos por trás da palavra solidão. Um é o sentido de experimentar situações sem troca, o que não necessariamente é vazio. O outro sentido é de dor, de se ver na ausência.

Talvez por essa aproximação com vidas solitárias, e com a angústia que as cercam,

você já foi comparada a diretores que têm a Áustria como base, como Michael Haneke e Ulrich Seidl, ao mesmo tempo em que gerou alusões com a estética do escandinavo Lars von Trier. Você reconhece essa aproximação estética com esses realizadores de verve autoral aclamada?

Estive recentemente num evento em Tóquio, no qual estavam entidades representantes da produção austríaca, e se refeririam a nosso cinema como “uma filmografia sombria”. Sinto ressonância nessa definição. Vejo, contudo, uma diferença entre o que eu faço e o que fazem Haneke e Seidl. A diferença está no fato de eu, diferentemente deles, não trabalhar nas franjas do realismo. Em minha formação, tive uma influência grande de Maya Deren, que é uma cineasta marcada por um sentimento surrealista. A base do surrealismo é o fato de existir um outro sentido por trás da lógica que temos no mundo, a começar de uma indistinção dos limites entre Bem e Mal.

Você mencionou a movimentação forte que se dá hoje nos streamings. Atualmente, muitos filmes de diretores autorais saem de festivais e vão diretamente para as plataformas, sem passar por circuito exibidor, sem espaço em tela grande. Como você vê essa mudança e de que maneira você enxerga na seleção de Locarno um foco de resistência a essa nova ordem?

Eu posso te responder com uma história de crianças que li num livro infantil. Existe grupo de ratos que levam uma vida dura, trabalhando pesadamente de sol a sol. Entre eles, há um ratinho que tem fama de preguiçoso, pois ele passa os dias observando o azul do céu e o movimento do vento nas folhas. Um dia chega o inverno e a toca dos ratos está bem abastecida, mas eles comem tudo o que está ali em poucos dias e, num breve tempo, tudo acaba. Diante do frio e da fome, os ratos só não se desesperam e resistem porque aquele tal preguiçoso, durante o período de escassez, consegue entreter seus colegas contando histórias sobre o céu e sobre as folhas, alimentando a todos com sua imaginação. O que tiro disso é: há uma competição com o cinema comercial, há uma pressão industrial, mas temos que saber resistir.

Você tem algum novo projeto de filme a caminho?

Estou escrevendo um longa sobre a vida laboral e o impacto do trabalho sobre as relações. Acredito que seja um projeto para daqui a dois anos.

Uma montanha e seus segredos

Dirigido por Moacyr Góes, o espetáculo 'O Segredo de Brokeback Mountain' chega ao Rio trazendo os questionamentos e reflexões do conto de Annie Proulx que ganhou as telonas com Ang Lee

Léxito no Brasil, o espetáculo "O Segredo de Brokeback Mountain" estreia nos palcos cariocas pelas mãos do premiado diretor Moacyr Góes. Baseado no conto de Annie Proulx que narra a história de amor dos cowboys Ennis Del Mar e Jack Twist, a peça é uma adaptação de Ashley Robinson com músicas de Dan Gillespie Sells. Estrondoso sucesso desde o lançamento do filme homônimo de Ang Lee, o maior indicado do Oscar de 2006 com oito menções e vencedor de três estatuetas, a trama icônica tem em sua primeira montagem nos palcos nacionais Marcéu Pierrotti e Júlio Oliveira na pele dos protagonistas Ennis Del Mar e Jack Twist.

Responsável pela compra dos direitos da montagem no Brasil, Marcelo Brou é o idealizador da montagem e está em cena como o personagem Ennis na fase madura, narrando passagens da peça.

No interior dos Estados Unidos, Jack Twist e Ennis Del Mar são dois jovens que se conhecem no verão de 1963, após serem contratados para cuidar das ovelhas de Joe Aguirre em Brokeback Mountain. Jack deseja ser cowboy e está trabalhando no local pelo segundo ano seguido, enquanto Ennis encara o trabalho para ganhar dinheiro, pois pretende se casar com Alma, sua namorada, tão logo o verão acabe. Vivendo isolados por semanas, eles se tornam cada vez mais próximos e iniciam um relacionamento amoroso, intenso, conflituado e transformador. Ao término do verão cada um segue sua vida, mas o período e as coisas vividas naquele verão irão marcar suas vidas para sempre.



Marcéu Pierrotti e Júlio Oliveira em cena na montagem teatral de 'O Segredo de Brokeback Mountain'

"É uma história sobre amor, intolerância e a complexidade dos sentimentos e desejos humanos. Essas são questões que marcam a trajetória humana. A realidade da diversidade das pessoas e a aceitação do outro como ele é são conquistas a serem efetivadas e realmente vividas em sociedade. Ainda estamos longe disso, já percorremos alguma estrada nesse sentido, mas ainda estamos longe. Neste sentido a peça é, sim, uma reflexão sobre as realidades vividas pela comunidade LGBTQIAPN+", ressalta Moacyr Góes.

A ideia da montagem partiu de Marcelo Brou que, impactado após assistir a montagem em Londres, fez contato com Moacyr convidando-o

a dirigir a primeira montagem do texto no Brasil. "Eu estava assistindo a um musical em Londres em 2023, depois de ter feito a novela 'Travessia', de Gloria Perez, quando ouvi um burburinho. As pessoas falavam que haviam assistido o espetáculo Brokeback Mountain num teatro bem perto de onde eu estava. Então eu fui conferir e fiquei encantado", lembra Brou. "E eu topei o convite na hora, pois é uma bela e importante história, cheia de humanidade e beleza", reitera Moacyr.

Direitos comprados, produção caminhando, foram feitas audições em busca dos atores para dar vida aos protagonistas tão emblemáticos, chegando aos nomes de Marcéu Pierrotti e Júlio Oliveira.

"Parte do elenco foi convidado, mas os protagonistas foram escolhidos em audição. O que foi um imperativo na escolha foi a capacidade de infestar de humanidade todos os personagens. O desafio de entender do que trata a história, seus meandros complexos, o comportamento dos personagens no drama como expressão do que são e desejam, e traduzir isso de forma que seja uma expressão sincera. Eu adoro este texto porque é uma bela e comovente história sobre o amor, intolerância e liberdade, que são marcas ou temas em quase tudo que fiz no teatro", pondera Moacyr.

Evidenciando os estigmas que cerciam os relacionamentos gays, desde a figura dos cowboys, perso-

nagens atribuídos como másculos no imaginário coletivo, até a heterossexualidade compulsória que é comunicada nas entrelinhas da trama, mesmo com uma história que se passa no final do século XX e após tantas transformações na sociedade desde o lançamento do filme em 2005, a trama permanece atual. "Porque ela trata de questões constitutivas da humanidade. Ela não precisou de nenhuma 'atualização', é extremamente fácil o reconhecimento do que vivemos hoje com a história de Ennis e Jack", acredita Góes.

"Por mais que o conto tenha mais de 20 anos, as lutas são as mesmas. Não se faz necessária nenhuma intervenção por se tratar de uma forma de amor genuína. A peça poderia ter sido encenada há duas décadas ou hoje, como estamos fazendo. Toda a equipe está muito feliz por levar à cena uma peça que fala de amor, que é um tema universal", complementa Marcelo. À época do lançamento do filme, as cenas de amor e sexo entre os protagonistas geraram burburinho, de adesões a censuras pelo mundo afora. Na adaptação para o teatro, tudo será feito com muito respeito à história.

"A peça chega respeitando o amor e o conto da autora. Estamos tentando fazer o possível para que todos que vierem ao teatro saiam felizes e com algum tipo de reflexão", pontua Marcelo Brou. "As cenas serão tratadas como expressão do comportamento apaixonado e erótico dos personagens. Nada será criado para encobrir algo ou, por outro lado, para ser uma exploração da nudez dos atores. Espero que o público se comova tanto como todos nós, que nos emocionamos diariamente nos ensaios. Pode ser uma peça importante para muita gente, espero", destaca Moacyr.

SERVIÇO

O SEGREDO DE BROKEBACK MOUNTAIN
Teatro das Artes (Rua Marquês de São Vicente, 52 / 2º Piso - Shopping da Gávea)
De 7/8 a 26/9, quartas e quintas (20h) | Ingressos: R\$ 120 e R\$ 60 (meia)

Revisitando os clássicos do Funk Melody e outros ritmos populares que marcaram os anos 90 nas periferias do Brasil, o musical “Se Quiser Falar de Amor” conta histórias cotidianas de amor entre pessoas pretas, destacando temas centrais como quilombo, empoderamento e emancipação. Idealizado por Dani Câmara e Rei Black, que também integram o elenco, com direção de Rodrigo França e realizado pela produtora Corpa Negrura, o espetáculo terá apresentações no Museu da Maré, nesta quarta (7), às 14h, com audiodescrição. Já as sessões de quinta (8) a domingo (11) serão às 19h, com tradução em libras. Os ingressos são gratuitos e adquiridos na hora.

Utilizando o livro “O Espírito da Intimidade - Ensinamentos Ancestrais Africanos Sobre a Maneira de se Relacionar”, de Sobonfu Somé, a produção busca construir novos imaginários sobre o amor na sociedade, fora do contexto da colonização. O autor do texto, Jonathan Raymundo, destaca uma lição central da obra: o amor não é um evento isolado, mas sim parte de um processo contínuo, onde cada pessoa ajuda a outra a cumprir sua missão ancestral dentro da comunidade. “Essa é a compreensão que tentamos trazer no espetáculo. Como o amor entre indivíduos nutre a vida comunitária e vice-versa; como o amor, nem sempre percebido, é a razão maior, a estratégia maior que nós utilizamos para sobreviver aos desafios e as violências de um estado racista e colonizador”, reflete o autor.

Com direção musical de Dani Nega, a montagem traz à tona memórias afetivas através de diferentes personagens, explorando as inúmeras formas de amar. Cada cena é um convite ao público para aprofundar-se em diálogos sobre o afeto entre corpos que resistem ao racismo, oferecendo uma reflexão tocante sobre amor e resistência, a partir de narrativas que não gerem gatilhos.

O musical ainda reforça a importância dos precursores do funk



‘Se Quiser Falar de Amor’ tem canções de MC Marcinho e MC Cacau, precursores do funk melody, embalando histórias de amor entre pessoas pretas

A potência transformadora do amor

Com direção de Rodrigo França, musical conta histórias de amor preto embaladas pelo funk melody no Museu da Maré

melody, MC Marcinho e MC Cacau na trilha sonora, como destaca o diretor Rodrigo França. “O funk melody, com sua batida envolvente e letras românticas, é uma poderosa ferramenta para contar histórias de amor, especialmente no contexto das favelas. Inserir músicas de MC Marcinho e MC Cacau não só adiciona autenticidade, mas também conecta o público à realidade cotidiana dessas comunidades”, ressalta.

Rodrigo também enfatiza a

importância de falar sobre o amor de maneira potente e íntima: “Falar sobre o amor desta forma, em um espetáculo musical que aborda a favela, é crucial, pois humaniza e valoriza as vivências das comunidades marginalizadas, especialmente a comunidade preta. Esse enfoque permite mostrar que, apesar das adversidades, há beleza, afeto e complexidade nas relações interpessoais”, destaca.

Levantando reflexões políticas e sociais sobre o empoderamento

e a identidade preta, Dani Câmara ressalta a importância de representar histórias de amor preto. “Segundo Bell Hooks, o amor é uma ação. E nossa ação como artistas e profissionais de teatro é dilatar e evoluir o imaginário social sobre o negro, na busca de uma arte popular que aproxime corpos diversos para além da experiência hegemônica contemporânea nas artes. Eu desejo um cenário cultural onde pessoas pretas, faveladas e periféricas possam se reconhecer, se inspi-

rar e amar”, destaca.

Rei Black, que já foi indicado na categoria “Melhor Ator” no Prêmio Shell, espera que o público, após assistir o espetáculo, leve consigo uma mensagem de empatia e respeito. “Que as pessoas pretas se reconheçam e valorizem a potência do amor preto, mesmo em meio às adversidades das favelas. Para além dos estereótipos de violência, é essencial enxergar a criatividade, subjetividade e beleza da comunidade. Desejo que, ao sair do espetáculo, todos possam sonhar em construir um futuro com mais empatia, respeito, dignidade e amor”, defende.

Além das apresentações no Museu da Maré, durante os dias em que o espetáculo estará em cartaz, será produzido um minidocumentário sobre todo o processo criativo e de produção. A estreia do documentário está prevista para o dia 30 de agosto.

SERVIÇO

SE QUISER FALAR DE AMOR
Museu da Maré (Av. Guilherme Maxwell, 26)
Até 11/8, quarta-feira (14h), quinta a domingo (19h)
Entrada franca